

Mal-estar provocado pela pobreza é o maior em 10 anos

CÁSSIA ALMEIDA E LETYCIA CARDOS

mal-estar provocado pelo empobrecimento é o mais alto no Brasil em dez anos. Numa análise sobre a miséria no país, o professor emérito do Instituto de Economia da UFRI, João Saboia, concluiu que essa condição nunca esteve tão presente na realidade brasileira. Com outros pesquisadores do instituto, ele elaborou um índice para medir a insadores do instituto, ele elaborou um índice para medir a intensidade da miséria e do retrocesso na qualidade de vida das famílias. Com o agravamento da crise pela pandemia, osnúmeros mostram em 2021. a pior situação em toda a série do estudo, iniciada em 2012. O índice de miséria vai de zero a 1. Quanto mais alto, pior a situação. Nos cálculos dos pesquisadores, esse indice estáhoje em 0,947, subindo quas e 60% em relação a 2020,

táhoje em 0,947, subindo qua-se 60% em relação a 2020, quando era de 0,591. O índice vai além do impacto da infla-ção e do desemprego sobre as famílias de renda mais baixa. Agrega dados sobre subem-prego, renda domiciliar per capita dos 20% mais potres do país, a desigualdade entre essegrupo eo s 20% mais ricos e a inadimplência, que limita o acesso ao crédito para o con-sumo. O estudo traz um ter-mômetro mais preciso dos mômetro mais preciso dos efeitos das dificuldades na vida dos brasileiros mais pobres

da dos brasileiros mais pobres às vésperas das eleições. — Houve uma disparada no segundo ano da pandemia. A situação piora muito do ponto de vista de bem-estar. Renda e

EMPOBRECIMENTO

O MAL-ESTAR **DA POPULAÇÃO**

Miséria, inflação, dívidas e desemprego têm o maior impacto nos lares em 10 anos

momento, e outros indicado-res só perdem para 2020, no

nes só perdem para 2020, no auge da doença —diz Saboia. O sociólogo Marcelo Medeiros, especialista em pobreza e desigualdade e professor visitante na Universidade Columbia, em Nova York, explica que a queda da renda dos dois terços mais pobres é muito visível e torna claro o aumento da desigualdade. Os mais ricos conseguem se proteger da inflação e têm reservas. O remédio para a inflação é concentrador de renda, diz Medeiros. O Banco Central aumentou a ta-Banco Central aumentou a ta-xa básica (Selic) de 2% ao ano, em 2020, para os atuais 13,25%. Segundo Medeiros, só 1% da população declara rendimento de capital no Im-

— As pessoas estão mudan-do coisas importantes, funda-mentais, como o padrão de co-

mentais, como o padrão de comida. Houve perda de emprego de qualidade, com setor informal muito grande. Você vé
desigualdade em tudo, inclusive no desemprego. Os ricos
tem mais condições de se recuperar se perdem o emprego.
Segundo o estudo de Saboia, a renda dos 20% mais
pobres caiu de R\$ 244,50 em
2020 para R\$ 187,50 per capita em 2021, perda de 23,3%,
bem mais severa que a média
geral de 7%. Frente a 2014, o
melhor momento da renda
dessas familias, a redução no
poder de compra foi de
27,3%. A distância social cresco. Os ganhos dos 20% mais 27,3%. A distancia social cres-ce. Os ganhos dos 20% mais ricos representam 21,1 vezes os dos 20% mais pobres. Em

—A maioria das pessoas es-tá vivendo sob uma pressão imensa-observa.

DÍVIDA PARA FECHAR CONTAS

DÍVIDA PARA FECHAR CONTAS A inadimplência só não está pior que em 2020, auge da pandemia e do isolamento so-cial. Pela pesquisa, 27,2% dos devedores têm pagamentos atrasados. Fábio Bentes, eco-nomista sênior da Confedera-ção Nacional do Comércio (CNC), que mede o endivida-mento das familias, cita três estatísticas que estão no seu estatísticas que estão no seu pico. O número absoluto de devedores, 66 milhões, é o maior da série histórica da Se rasa, que começou em 2016. O valor médio das dívidas O valor medio das dividas chegou a R\$ 4.107, também recorde. Há 3,42 dívidas por

família no Brasil, média que só não é pior do que em 2020, quando eram quatro.

—Mas o tíquete médio de cada dívida aumentou e é o maior: R\$1.212—dizBentes, maior: R\$1.212—diz Bentes, que observa um crescimento da demanda por crédito, mesmo com juros subindo.

Certamente são as famílias tentando fechar oorçamento.
Esses recursos não estão indo para o consumo, porque o comércio está crescendo de forma prequiçosa. ma preguiçosa. O carpinteiro Neilson Gar-

cia compra cada vez menos, inclusive comida. Se antes fazia uma boa compra no início do mês, com biscoitos e iogur-tes para as filhas de 5 e 2 anos, agora se contena-cesta básica.

— Não sobra para legumes

nem frutas -lamenta

Em 20 anos de profissão, ele nunca tinha enfrentado difinunca tinha enfrentado difi-culdade para encontrar uma vaga de carteira assinada. Mas, depois de ser demitido no inicio de 2020, tudo mu-dou. Até conseguiu outro em-prego formal, porém a em-presa faliu oito meses depois. Desde janeiro, faz pequenos trabalhos como pintor e ele-tricista, mas não ésempreque surge algo. Aos fins de semasurge algo. Aos fins de sema-na, ajuda a esposa que traba-lha como cerimonialista. Conta nas estatísticas como ocupado, mas não tem segu-rança financeira:
— Sem nenhum bico, fico desesperado.

PECAGRAVA CENÁRIO

PEC AGRAVA CENARIO
Daniel Duque, pesquisador
da FGV, avaliaque acrise atual que afeta os mais pobres
ainda deve piorar em 2023. A
proposta de emenda à Constituição (PEC) Eleitoral — aprovada no Senado e que deveser votada na Câmara na deveser votada na Câmara na semana que vem para au-mentar beneficios sociais a três meses da eleição a um custo de RS 41,2 bilhões — pode dar algum alívio tempo-rário. Mas, naopinião do eco-nomista, vai aprofundar a miséria e a desigualdade a artir dei aneiro, ouando per-

partir de janeiro, quando per-deria o efeito: — A medida fará a inflação demorar adesacelerar, os juros subirem e o dólar se valorizar subirem e o dolar se valorizar com a piora na situação fiscal. Isso vai ter um custo adicional nos próximos meses, com ali-mentos e combustíveis mais caros. A piora está contratada.

'Na obra, ganho

á seis meses desemprega-do, Gustavo Luiz Negrão da Silva, de 37anos, tem se

virado com pequenos serviços em obras. Antes do último

em obras. Antes do último emprego formal, um contrato temporário de auxiliar de serviços gerais, passou três anos esperando que alguém o chamasse para qualquer trabalho. A mulher dele, recepcionista, é o arrimo da familia. A cada mês, o casal faz malabarismos para, com R\$ 1.300, pagra aluguel, alimentação e o financiamento de uma geladeira em 36 vezes de R\$ 256. Com fundamental completo, Silva está no supletivo para

com fundamental comple-to, Silva está no supletivo para melhorar o currículo: —Nurna obra, das 8h às 19h, ganho cerca de R\$ 50 por dia. Mas nem sempre tem.

R\$ 50 por dia'

'Não pode se acomodar'

ilha de um porteiro e uma empregada doméstica, Driele Oliveira, de 31 anos, tenta mudar a história da família. Conseguiu concluir o curso superior, de Psicología, em 2018, com o Pies. Na época, o que recebia com o trabalho em telemarketing só dava para ajudar em casa. A pósgraduação ficou para depois, assum com oa sparcelas do crédito estudantil, que a levaram à lista de inadimplentes. De lá para cá, a situação tenta mudar a história da

De lá para cá, a situação ficou mais dificil. O pai per-deu o emprego, depois foi a vez de ela ser demitida. Driele vez de ela ser demitida. Driele decidiu pegar dinheiro em-prestado com a avó para fazer um curso de massoterapia: —Vou tentar esse mercado. Está ruim, mas a gente não pode se acomodar.

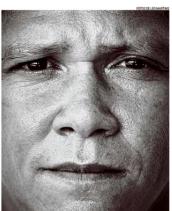
'Duas semanas sem nada'

O cancelamento de voos na pandemia custou o n apandemia custou o emprego formal de Diego Ferreira da Silva, de 32 anos. Após 12 anos como auxiliar de rampa em aeroporto, encontra dificuldade para se recolocar no mercado. — Pedem experiência para contratar, e não tenho

para contratar, e não tenho outra. Enquanto isso, tenho feito limpezas de terreno e pinturas para levantar al-gum dinheiro. Mas estou há duas semanas sem arrumar

duas semanas sem arrumar nada — lamenta. A mãe, de 78 anos, é quem paga as despesas da casa em que vivem apenas os dois com a aposentadoria de R\$ 1.212. Boa parte vai para os remédios de uso contínuo, cujos preços têm subido.









Marisa Pacheco Amorim, de 53 anos, chegou com esperança numa feira de empregos no Rio nesta semana. Desempregada desde o fim de 2020, vive situação limite. Mora com o filho de 19 anos, Viri, também desempregado, eos dois não sabem o que terão para comer na próxima terão para comer na próxima semana. Por ironia, seu último emprego foi no caixa de um supermercado. Ela aplicou suas economias

num investimento que pro-metia renda mensal. Bom metia renda mensal. Bom demais para ser verdade. Per-deu tudo numa pirāmide financeira. Conta com amigos e familiares até para o ónibus. —Meu sobrinho empres-tou o RioCard para eu vir aqui. Eram R\$ 17 de passagem.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 19